

A LINGUAGEM DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Nilton de Sousa Fonseca¹
Gleidson Silva Costa²
Mayana Abreu Pereira³
Elenice de Brito Teixeira Silva⁴

RESUMO

Como acontece o processo de desenvolvimento do desenho pelas crianças? Como a escola pode criar condições para que experiências com o desenho aconteçam? Tais questões orientam a escrita deste relato, construído a partir da experiência no Programa de Residência Pedagógica na Educação Infantil, especificamente com crianças de 3 anos de idade. As reflexões se dão em torno da observação do desenho das crianças em diferentes contextos promovidos pela professora preceptora e residentes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, bem como do estudo das formas e linguagens do desenho das crianças nos encontros formativos. As reflexões apontam para a relevância das ações e práticas pedagógicas que ofereçam possibilidades de as crianças observarem diferentes linguagens gráficas no cotidiano, expressarem, graficamente, por meio de suportes e riscantes variados, contrastarem os próprios desenhos com os de outras crianças, em um processo de observação, expressão, interpretação, contínuo e intencional.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenho. Linguagem. Residência Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência discorre sobre a vivência dos discentes do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Campus XII Guanambi-Ba, que atuam como integrantes do “Programa de Residência Pedagógica” (PRP), financiado pela CAPES. O projeto de residência tem sido desenvolvido desde dezembro de 2022 em uma turma do 3º período, composta por 24 crianças de 03 anos de idade, matriculadas em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Guanambi-Ba, em período integral.

As ações de iniciação à docência apresentadas neste relato integram o subprojeto: Pedagogias, culturas da infância e formação docente na Educação Infantil. Nesse sentido, o PRP se fundamenta na perspectiva da formação em pedagogias da infância em contextos coletivos de cuidado e educação, por meio da pesquisa das culturas escolares e da infância.

¹ Graduando do Curso de pedagogia da Universidade Estadual da Bahia- UNEB. Residente do Programa Residência Pedagógica UNEB/CAPES. nilton.ibce200@gmail.com

² Graduando do Curso de pedagogia da Universidade Estadual da Bahia- UNEB. Residente do Programa Residência Pedagógica UNEB/CAPES. gleidsoncosta1377@gmail.com

³ Professora da Rede Municipal de Educação de Guanambi-Bahia. Especialista em Educação Infantil. Preceptora do Programa Residência Pedagógica UNEB/CAPES. mayanahorrana@hotmail.com

⁴ Professora assistentes na Universidade do Estado da Bahia. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG. elenteixeira@yahoo.com.br

A proposta ora apresentada surgiu a partir dos interesses das crianças pelas fotografias dos seus rostos, que gerou o tema de investigação: “O que tem no meu rosto?”. A partir desta questão geradora, foram propostas experiências relacionadas às expressões gráficas com diferentes suportes e riscantes.

Consideramos o desenho como “expressão, apresentação de uma ideia, que é fruto dos atravessamentos que a relação com a experiência traz” (BARBIERI, 2021, p. 49). Desse modo, o desenho pode ser considerado a primeira forma de escrita realizada pelas crianças, uma vez que por meio dos desenhos se estabelece uma comunicação das experiências vivenciadas (VIGOTSKI, 1933/2010). Nessa perspectiva, o desenho na Educação Infantil é uma importante linguagem das crianças, um modo de expressão e representação de ideias, imaginação, sentimentos e intenções.

Vale ressaltar que registrar, documentar e tornar visível o desenho das crianças é fundamental, tanto para as crianças, quanto para suas famílias. Conhecer e refletir sobre as formas gráficas que as crianças utilizam para representar o seu rosto e se expressar, portanto, perpassa com uma das principais motivações para as ações pedagógicas que foram realizadas. Então, este texto evidencia como se efetivou o processo de desenvolvimento do desenho pelas crianças, incluindo a proposição de contextos e das experiências desenvolvidas. Assim, o objetivo deste trabalho é evidenciar, na perspectiva dos residentes, preceptora e coordenadora de área/docente orientadora do PRP, a experiência de ter acompanhado todo esse processo relacionado ao grafismo infantil.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é de natureza qualitativa do tipo bibliográfico e de campo. Como dispositivos para a geração dos dados foram utilizados o estudo teórico, a análise de documentos curriculares da Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), Base Municipal Curricular de Guanambi - BMCG (2020) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), bem como a observação participante na turma e análise de desenhos das crianças. Os dados da observação foram registrados em fotografias e narrativas do cotidiano, por isso a câmera do celular foi um instrumento utilizado constantemente, já que se fizeram necessários os registros das produções e falas das crianças de forma fidedigna.

As cenas do cotidiano observadas na EMEI, a produção das crianças, os encontros formativos e as reuniões coletivas se constituíram elementos fundamentais para a construção

do plano de ações que foi desenvolvido com as crianças por meio de contextos de experiências relacionados ao tema emergente da turma: “O que tem no seu rosto?”

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico utilizado para a compreensão do desenho das crianças tem como base os seguintes textos: a) Territórios da invenção: ateliê em movimento (BARBIERI, 2021); b) Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil (DERDYK, 2020); c) Do sentido filosófico à significação pedagógica do cuidado (SILVA, 2017). Além desses referenciais, fundamentamos nossa ação nos documentos curriculares da Educação Infantil (BRASIL, 2010; 2017).

Para Silva (2017), é pelo cuidado com as crianças e seu desenvolvimento como um humano de linguagens em uma cultura que nos colocamos na relação com elas. Ou seja, como adultos que atendem à uma necessidade social e promove condições para que o desenvolvimento aconteça. Isso envolve espaço, tempo, materiais e relações dialógicas e respeitadas com os modos de as crianças experimentarem o mundo e expressarem suas ideias e intenções. Um desses modos de linguagem e expressão é o desenho. Buscamos, nos textos e documentos estudados nos encontros formativos, sintetizar concepções de desenho na Educação Infantil (Conforme quadro 01).

Quadro 1: Concepções de desenho e linguagem

Ano de Publicação	Título do livro/ documento analisado	Concepções de desenho e linguagem
2021	Territórios da invenção: ateliê em movimentos (BARBIERI, 2021)	Segundo Barbieri (2021, p.50) “desenhar é uma estrutura de pensamento. Desenhar é uma possibilidade de observar e conhecer algo mais de perto: quando desenhamos uma cebola e suas camadas, estamos conhecendo melhor a cebola e nosso próprio desenho”. Nesse sentido, a prática do desenho permite evidenciar e clarear as ideias e permite também reconhecer a sua própria obra, da sua própria autoria. Além disso, desenhar é um modo de narrar, descrever, expor e apresentar outros mundos, por exemplo, quando as crianças desenham personagens fictícios ou animados. Ou seja, o desenho também representa como jogo imaginativo, no qual buscamos para retratar aquilo que queremos realizar, como acontece na brincadeira.
2020	Formas de Pensar o desenho (DERDYK, 2020)	Segundo Derdyk (2020, p.19) “a criança é um ser em contínuo movimento. Este estado de eterna transformação física, perceptiva, psíquica, emocional e cognitiva promove na criança um espírito curioso, atento, experimental. Seu olhar aventureiro espreita o mundo a ser conquistado.” sendo assim, é importante pensar o desenho em um sentido mais largo, não só para uma coisa de lápis e papel, mas principalmente pensando em modos de narrar a experiência. Ou seja, o desenho tem uma função narrativa e mobiliza outras linguagens para contar histórias.

		Logo, “o desenho é a memória visível do acontecido: fotografia mental, emocional e psíquica. Para a criança, desenhar, criar e agir manifestam-se de forma solta, flexível, às vezes aparentemente caótica. O que a criança realiza, o faz com necessidades de seu próprio crescimento” (DERDYK, 2020, p. 40). Desse modo, a criança não se preocupa em alterar o meio intencionalmente como os adultos, quando a criança desenha ela expressa a maneira pela qual sente existir. As garatujas não são apenas uma atividade sensorio-motora. Ao rabiscar elas estão se expressando comunicando. Para Derdyk (2020), o movimento circular possui um significado simbólico de integração, unidade, de continuidade cíclica. Sendo assim, o aparecimento do círculo é o aparecimento da forma fechada. É objeto e o corpo.
2020	Base Municipal Curricular de Guanambi	Na BMCG (2020, p. 56), documento que orienta a organização curricular no contexto desta observação, há a defesa de que “o corpo da criança fala. O choro, o balbucio, o movimento, a brincadeira, o desenho, as diferentes narrativas expressam interesses, necessidades, curiosidades, condições, modos de ser e estar no mundo”. Nesta lógica, a criação de contextos de experiência é para que os bebês e crianças possam “falar” por diferentes formas, principalmente, pelo desenho.
2018	Base Nacional Comum Curricular	Sobre o desenho e as linguagens, a BNCC (2017) enfatiza que o contato que a criança tem com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, na rotina escolar, lhes possibilitam expressar suas linguagens. Nessa perspectiva, trabalhar com as crianças sobre forma de expressão, como, as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia), irá possibilitar que as crianças desenvolvam seus sentidos estéticos e críticos. Vale ressaltar também que a organização do tempo e espaço é fundamental na Educação Infantil, pois são fatores essenciais para possibilitar as crianças diferentes experiências e vivências com a diversidade de manifestação e apreciação artísticas.
2012	Interações: onde está a arte na infância? (BARBIERI, 2012)	O desenho é uma das linguagens artísticas, pelo qual se exercita a participação coletiva, das mais diferentes interações sociais. Como afirma Barbieri (2012, p.28), “o acesso às várias linguagens artísticas na escola propicia a expressão singular de cada um, ao mesmo tempo em que exercita a participação coletiva”. Desse modo, criar condições para que as crianças desenhem é um modo de construção de novos conhecimentos e interações.
2010	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.	As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil trazem princípios estéticos que deve ser respeitados nas propostas pedagógicas. São eles, os princípios “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais”(BRASIL, 2010, p.16). Nesse sentido, o contato com o desenho é uma das maneiras de proporcionar a construções destes princípios pelas crianças, já que o desenho é uma forma de comunicação, expressão, ludicidade, e é uma forma de expressar sua criatividade.

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as) a partir de pesquisa bibliográfica e análise documental, 2023.

A partir destes estudos, partimos de uma compreensão de que o desenho é uma linguagem construída nas relações sociais. Um modo de expressão de ideias por meio de marcas simbólicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que tem no meu rosto?

Tudo começou com uma brincadeira de caça ao tesouro, onde as crianças do 3º Período “B” encontrariam uma caixa contendo as fotografias dos seus rostos. Após seguirem as pistas espalhadas pelo pátio da escola, finalmente as crianças encontram o tesouro e, ao identificarem seu conteúdo, várias ações foram esboçadas. Anthony logo encontrou a foto do seu rosto na caixa do tesouro e saiu correndo para admirá-la em um local mais reservado. Lunna Vitória pega a caixa que está na mão de Caio e começa a procurar por sua fotografia jogando algumas no chão.

Dentro da caixa, várias mãozinhas agitadas estão à procura de sua imagem. Quem a encontra se dá por satisfeito (a) e passa a admirá-la com atenção. Isabella, não encontrando a sua de imediato, começa a chorar e grita:

- *“Eu quero a minha foootooooo”*

Ytalo me mostra a foto de um colega e afirma: *“Tia, esse aqui sou eu”*. Ao perceber o equívoco, pego a real foto de Ytalo que está no chão e o questiono: *“E essa foto? De quem é?”* Sem hesitar, Ytalo toma a foto da minha mão e fala: *“Sou eu!”* Ele Joga a outra foto no chão e abraça a sua.

Depois disso, diariamente utilizávamos as mesmas fotos para realizar a chamadinha, na qual cada criança encontrava a sua foto em diferentes situações criadas. E, apesar da diversidade de contextos criados para realizar a chamadinha, percebi que as crianças permaneciam interessadas pelas fotos do seu rosto, pois continuavam se negando a guardá-las, faziam expressão de choro ou tristeza quando demoravam de visualizar sua foto e até brigavam quando algum colega a pegava. Diante destas repetidas cenas, compreendi que esta questão estava sendo alvo de interesse da turma. Daí surgiu a proposição de contextos envolvendo a fotografia do rosto norteado pela seguinte questão de pesquisa: O que tem no meu rosto? Nesta investigação, foram propostas experiências que envolveram o grafismo e a utilização dessa linguagem como forma de representação das ideias das crianças em relação a si mesma e ao outro.

(Narrativa do cotidiano escrita pela professora Mayana Abreu, abril de 2023).

A cena do cotidiano narrada acima relata como emergiu o tema gerador da questão de pesquisa com as crianças intitulada “O que tem no meu rosto?”, cujas primeiras ações foram propostas de autorretrato a partir da observação da mesma fotografia utilizada para a brincadeira de caça ao tesouro. O resultado destas produções possibilitou perceber que a maioria das crianças ainda não conseguia desenhar seu rosto com olhos, nariz e boca posicionados nos devidos lugares. Algumas crianças não grafavam círculos e poucas realizaram seu autorretrato com representação de notória identificação das partes do seu rosto. A partir desta percepção, constatou-se, então, a necessidade de propor contextos de experiências relacionados à forma circular, à modelagem de rostos com massa de modelar e também na areia, a realização de desenhos de observação, contextos literários com imagens de rostos, experiências culinárias, contextos envolvendo salão de beleza, montagem das partes do rosto com materiais

diversificados, circuitos, sessão de fotografias, confecção do boneco de tecido, dentre outras que possibilitaram a ampliação do repertório infantil relacionado ao rosto e sua representação.

Figura 01: Mosaico de contextos criados na turma com a linguagem do desenho



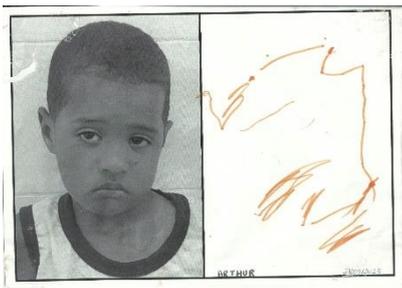
Fonte: Fotografias dos autores, 2023.

À medida em que foram experienciando contextos diversos relacionados ao tema gerador, gradativamente os traçados começavam a se definir, os riscos e rabiscos foram transformados em círculos e até nomeados pelas crianças: “*aqui é o olho*”; “*essa é a boca*”. O que analisamos é que as crianças representam e constroem percepções que, por sua vez, precisam ser ampliadas cotidianamente com ações pedagógicas intencionais, tanto por meio das materialidades oferecidas, quanto pela relação de significação por meio da linguagem verbal.

A repetição foi fundamental e a mesma foto das crianças se apresentava sob diversas formas no cotidiano da escola. De maneira planejada, era retomada a experiência gráfica do autorretrato, onde constantemente perguntas eram lançadas para as crianças: “Onde que fica o nariz? O que está faltando desenhar neste rosto? E o outro olho? Como seria?”

Na tentativa de resolver as questões apresentadas, as crianças foram encontrando as soluções e criando modos de representar suas ideias e percepções do rosto e sua composição, conforme pode-se perceber nas imagens a seguir.

Desenho 01: Autorretrato de Arthur

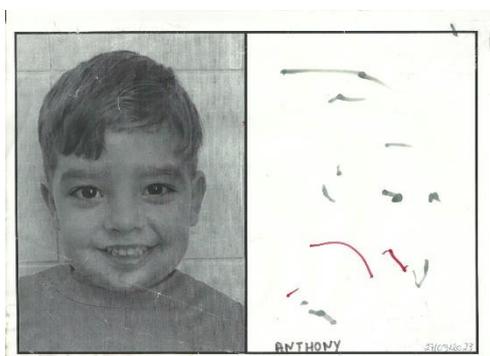


Autorretrato feito por Arthur em 27/03/2023
(Idade- 4 anos e 1 mês).

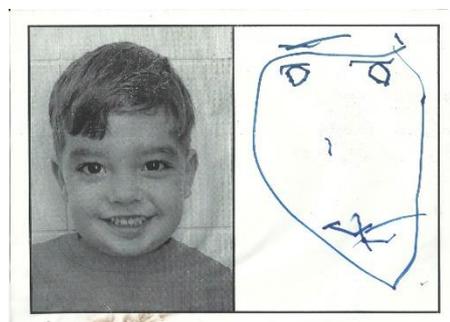


Autorretrato feito por Arthur em 22/05/2023.

Desenho 02: Autorretrato de Anthony



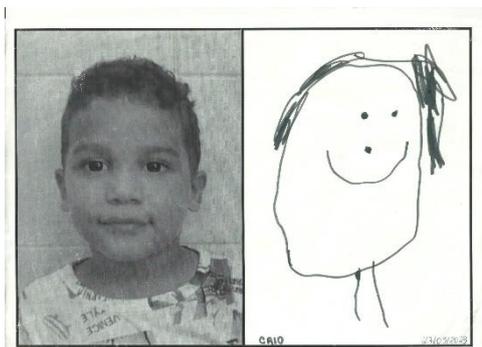
Autorretrato de Anthony em 27/03/2023.
(Idade- 3 anos e 10 meses)



Autorretrato de Arthur em 22/05/2023 .

Diante do exposto, é possível perceber o desenvolvimento do desenho das crianças, considerando que Arthur (3a7m) e Anthony (3a5m) inicialmente grafavam traços, com ausência de qualquer círculo para se representar. À medida em que foram vivenciando as experiências proporcionadas por outras materialidades, seu grafismo se definiu de modo que é possível identificar o que eles pretendem expressar por meio do seu desenho. Já Caio (3a4m), desde a primeira proposta, desenhou seu rosto com todos os detalhes incluindo as pernas e sempre fazia o mesmo desenho independente do material riscante disponibilizado. Contudo, conforme seu repertório foi aumentando, o desenho de si mesmo passa a ser representado por um corpo, braços, pernas, além de desenhos outros elementos, como palavras por exemplo. Identificamos que, após desenhar, Caio começa a perguntar como se escreve o nome do que foi desenhado e, ao ouvir a professora verbalizar, escreve o que representava seu desenho, conforme verifica-se nas imagens a seguir.

Desenho- Autorretrato de Caio



Autorretrato de Caio em 27/03/2023



Registro do passeio ao pomar do vizinho feito por Caio em
11/09/2023
(Idade- 3 anos e 10 meses)

Dessa maneira, observamos que o desenho, como as outras linguagens, é construído na relação com as pessoas e as materialidades. Essa construção deve ser considerada como algo intencional na ação pedagógica. Outro ponto importante é o modo como as crianças associam a linguagem escrita com a linguagem do desenho. É comum que nomeiem enquanto marcam com símbolos: *"Este é meu rosto"*, *"aqui está o meu cabelo"* *"desenhei você, tia"*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização dos traços pelas crianças foi resultado de todo um processo intencional, pelo qual foram oportunizadas vivências significativas envolvendo manipulação, interação e exploração com as representações de corpo presentes na literatura e outras expressões do patrimônio da humanidade. Estas experiências contribuíram para a construção do conhecimento das crianças com esta linguagem gráfica pelas crianças. Nossa reflexão é que, para a apropriação desta linguagem pelas crianças, é necessária ação pedagógica de planejar o espaço, o tempo, o agrupamento, os materiais, os artefatos culturais presentes para mobilizar outras linguagens.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.
- BARBIERI, STELA. **Territórios da invenção: Ateliê em Movimento.** 1. Ed. São Paulo: Jujuba, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Diálogos, 2020.

GUANAMBI. **Base Municipal Curricular de Guanambi (BMCG)**. Guanambi: Secretaria Municipal de Educação, 2020.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira. Do Sentido filosófico à significação pedagógica do cuidado. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 25, 2017.